

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE**

**ARTIGO CIENTÍFICO  
PDE 2009**

**O CONTO: Uma leitura na perspectiva bakhtiniana**

**MARIA DE LOURDES ALVES**

Língua Portuguesa – NRE: LONDRINA

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Alba Maria Perfeito – UEL

**LONDRINA – PR**

## O CONTO: Uma leitura na perspectiva bakhtiniana

*Autora: Maria de Lourdes Alves (PDE - UEL)<sup>1</sup>*

*Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alba Maria Perfeito (PG - UEL)<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este artigo relata o processo de implementação de uma proposta de intervenção pedagógica - na 1ª série do Ensino médio, do Colégio Estadual Professora Maria Cintra de Alcântara – exigência do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná. Pautado nos aportes teóricos de Bakhtin (2003), Fiorin (2002), Gotlib (1985), Coelho (2010), Gasparin (2002) e outros, o gênero conto foi abordado, na perspectiva dos gêneros discursivos, por meio da análise dos contos do realismo fantástico “Fronteira” e “O Cachorro Canibal”, de José J. Veiga. Após uma síntese da história do conto e uma breve definição dos conceitos de gêneros discursivos, esferas de atividades humanas, enunciado e dialogismo, o artigo traz a descrição do desenvolvimento das atividades concernentes à proposta de análise a partir dos aspectos constitutivos do respectivo gênero - conteúdo temático, estrutura composicional e marcas lingüístico-enunciativas, determinados pelas condições de produção - e viabilizados por meio dos passos do plano de trabalho docente – prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse, e prática social final – levando em consideração também os recursos lingüísticos, demarcadores das vozes alheias, mobilizados pelo autor.

Palavras-chave: leitura, gêneros discursivos, conto, Plano de trabalho docente

### INTRODUÇÃO

O presente artigo representa o resultado obtido na Implementação da Proposta de Intervenção Pedagógica na Escola, uma atividade integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) - SEED / PR, sob o título “O conto: uma leitura na perspectiva bakhtiniana”.

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras (1987), com especialização em Literatura (1995) pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, disciplina de Língua Portuguesa, atuando no Colégio Estadual Prof<sup>ª</sup>. Maria Cintra de Alcântara – Ensino Fundamental e Médio, em Tamarana.

<sup>2</sup> Professora do departamento de letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutora em Estudos da Linguagem.

A concepção de que a leitura é capaz de propiciar “o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda, tomar uma atitude responsiva diante deles”, preconizada pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa do Paraná (2008, p. 71), deixa em evidência o caráter sócio-interacionista da linguagem, que se dá, mediante as manifestações comunicativas da língua na forma de discurso. É por isso que, ao abordar a língua sob o enfoque da concepção interacionista e da caracterização dos gêneros discursivos, a partir da visão bakhtiniana, torna-se relevante propiciar ao aluno a compreensão dos conceitos de gêneros do discurso, esferas da atividade humana, enunciados e dialogismo, mas, sobretudo dos aspectos caracterizadores dos gêneros (conteúdo temático, estrutura composicional e marcas linguístico enunciativas) associados às condições de produção. Mesmo porque, quando reconhecido como sujeito ativo, em um contexto interacional, o aluno encontra-se em condições de aprimorar seus conhecimentos linguísticos e discursivos, compreender os discursos que o cercam e com eles interagir (PARANÁ, 2008).

Nossa proposta parte do pressuposto de que a leitura pode contribuir com o processo de formação da capacidade do sujeito em co-produzir sentidos ao texto e de se posicionar diante deles. Tal justifica o porquê de se estudar a língua na perspectiva do gênero discursivo da esfera literária, no ensino médio, a partir dos contos “Fronteira” e “O Cachorro Canibal”, do realismo fantástico de José J. Veiga. Estudo este, levado a termo, por meio de atividades orais e escritas, individuais e em grupos, viabilizadas pelo Plano de Trabalho Docente, proposto por Gasparin (2002).

Diante da diversidade temática tratada pelos autores, em diferentes períodos, optamos pelos contos deste autor, por considerar a contemporaneidade de suas temáticas e as freqüentes referências ao ambiente rural, uma característica que permite estabelecer estreita relação com a realidade dos alunos envolvidos. Por outro lado, em uma situação concreta de sala de aula, o conto literário, por se tratar de uma narrativa curta, pode propiciar, além de maior agilidade à análise dos seus elementos discursivos, a adesão do aluno que em geral mostra-se resistente para realizar a leitura de textos mais longos. Ademais, a partir da leitura do conto veigueano, o aluno poderá perceber que a leitura dos textos da literatura fantástica, tem o poder de ampliar sua compreensão acerca das relações humanas (PARANÁ,

2008), já que todo e qualquer texto, que circula no âmbito da esfera literária, em decorrência da ampla variedade de leitura que oportuniza, pode, sem dúvida, representar um forte aliado na formação do aluno leitor.

## **DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Ao tratar dos gêneros discursivos, Perfeito define-os como “enunciados relativamente estáveis que circulam nas diferentes áreas da atividade humana, ou seja, formas de textos criados pela sociedade, que funcionam como mediadores entre o enunciador e o destinatário” (PERFEITO, A. M., 2007, p. 1). Por sua vez, Bakhtin afirma que o sujeito, como participante de um determinado grupo social, vai aprendendo os gêneros ao longo de sua vida.

Entende-se por enunciado o processo comunicativo, o produto da relação social. O enunciado é a concretização da língua, é a unidade real e concreta da comunicação discursiva. Em cada área da atividade humana, a língua só se realiza na forma de enunciados concretos e únicos, os quais se diversificam de acordo com a área de atividade humana onde são produzidos. Assim, os enunciados produzidos na esfera religiosa, por exemplo, possuem características diferentes daqueles produzidos na esfera familiar, ou política, ou escolar, ou...

Os gêneros discursivos são concebidos, por FIORIN (2008), como tipos de enunciados, como elos de interligação entre a linguagem e a vida social, que ganham sentido na correlação entre sua forma e a esfera da atividade humana que o constitui. Enquanto produto social, os gêneros não são estáticos e estão sujeitos a mudanças decorrentes das transformações histórico-sociais (KOCH, 2003).

Bakhtin (2003), na impossibilidade de enumerar os gêneros destaca os primários e os secundários. Os gêneros primários constituem-se e se desenvolvem em situações de comunicação ligadas às esferas sociais do cotidiano, estão relacionados ao contexto imediato, são aqueles produzidos de forma espontânea, como as cartas pessoais, os bilhetes, os tipos de escritas informais ou conversas familiares. Enquanto que os gêneros secundários são aqueles que se constituem em situações de comunicação mais complexas, mais elaboradas, sobretudo de forma escrita, como artigos de opinião, textos científicos e literários,

discursos políticos e judiciais e outros (Bakhtin, 2003). E vale lembrar que cada gênero traz características que lhe imprimem o caráter de relativa regularidade, embora, seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e suas marcas linguístico-enunciativas, possam distingui-los entre si. Lembra Fiorin (2008) que estes três elementos “constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação” (FIORIN, 2008, p.62).

Por conteúdo temático, entende-se tudo aquilo que é ou pode ser dizível por meio dos gêneros, diz respeito ao assunto, ao objeto de um determinado gênero e à forma como esse gênero trata determinado tema, é o objetivo de sentido, com apreciação valorativa dos interlocutores. A estrutura composicional está relacionada à forma de organização do texto, ao acabamento do enunciado, à estrutura particular do texto pertencente a um determinado gênero. As marcas linguístico-enunciativas, por sua vez, estão relacionadas à escolha dos recursos lexicais, expressivos fraseológicos e gramaticais, podem ser entendidas como marcas de linguagem de regularidade do gênero e outras específicas mobilizadas enunciativamente pelo produtor do gênero.

Outro aspecto que não pode ser ignorado, quando se propõe o estudo da língua via gênero discursivo, é a noção de dialogismo. Todo discurso, quando transformado em enunciado, pelo processo de interação verbal, está orientado para o outro, estabelece, com o outro, relações sociais. É na interação verbal que o sujeito se constitui, já que é o outro quem atribui sentido ao seu discurso. Em outras palavras, a voz do locutor está sempre permeada pela voz alheia, dotando o enunciado de caráter sócio-histórico. O dialogismo, portanto, representa um princípio constitutivo da linguagem que se instaura na relação com o outro, isto é, “são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2008, p. 19).

A partir de tais considerações, conclui-se que uma abordagem viva e histórica da língua, a partir dos gêneros discursivos, pode levar o aluno da educação básica a perceber que é pela mediação da linguagem que ele se constitui como sujeito, razão pela qual o estudo da língua fora de uma situação concreta de comunicação passou a ser contestado. É nessa perspectiva que Bakhtin aponta para o caráter dialógico da linguagem. Segundo o estudioso, toda palavra que procede de alguém é dirigida a alguém, constitui-se produto de interação entre o locutor e o ouvinte, não é propriedade do falante e está impregnada de conteúdo

ideológico (BAKHTIN, 1981). Isto se dá porque, nesta perspectiva, a concepção de dialogismo reconhece o enunciado como elemento dotado de responsividade e permeado pelo discurso alheio.

### **Aspectos históricos do conto**

Os pesquisadores acreditam que o conto, como gênero discursivo, é tão antigo quanto à vida em comunidade e que o ato de contar é inerente à natureza humana. Na opinião de Juan Valera (*apud* COELHO, 2010), o conto teria surgido em função da necessidade humana de conhecer e comunicar-se. Inúmeros indícios encontrados em “livros e textos, recolhidos de uma milenar tradição oral” (COELHO, 2010), atestam que a sua origem deu-se possivelmente no âmbito da cultura oriental, mais precisamente hindu (COELHO, 2010). É uma das formas narrativas mais antigas, cultivada ininterruptamente na transmissão oral de mitos, fábulas e lendas “por diferentes povos” (DUCLÓS *apud* COELHO, 2010).

Gotlib (1985) acredita ser impossível determinar com exatidão quando e onde se iniciou o ato de contar. Citando Cortázar, a autora lembra que o conto “é um gênero muito difícil de definição, muito esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos” (GOTLIB, 1985, p. 10) e em vista de tais dificuldades, foi ao longo da história, confundido com o romance, com a novela, a parábola e a fábula. Somente a partir da época moderna é que passou a ter suas especificidades delimitadas, embora as características típicas da parábola e da fábula tenham sido preservadas (GOTLIB, 1985). De qualquer forma, na visão da autora, desde sua origem, o conto sofreu apenas mudanças de ordem técnica e não de ordem estrutural.

Coelho (2010) complementa ainda que o conto apresenta uma só célula dramática, um único eixo temático e um único conflito. E mais, no conto, as personagens, os fatos, o ambiente e o tempo encontram-se “condensados, conduzidos sem desvios para o desfecho final” (COELHO, 2010).

#### **Na acepção de Reis**

Um conto parece ser, a partir de um fragmento da realidade, a partir de um episódio fugaz, a partir de um dado extraordinário mas muitas

vezes despercebido do real, a partir de um fato qualquer e, por que não?, a partir de fato nenhum, a construção de um sentido que produza no leitor algo como uma explosão, levando as comportas mentais a expandirem-se, projetando a sensibilidade e a inteligência a dimensões que ultrapassem infinitamente o espaço e o tempo da leitura. E este efeito tanto pode resultar da natureza insólita do que foi contado, tanto pode resultar da feição surpreendente do episódio, como pode resultar do modo como se contou do aspecto absolutamente inédito que a genialidade do autor pode ter denunciado no “já visto” (REIS, 1984, p. 24).

No Brasil, o conto passou a ser difundido somente nos primeiros séculos da colonização e tiveram a mesma origem dos contos da literatura portuguesa (COELHO, 2010). Na literatura brasileira, o conto, como gênero escrito, passou a figurar a partir do início do Romantismo (COELHO, 2010), seguiu o mesmo modelo do conto europeu e era, geralmente, escrito por intelectuais e jornalistas e publicado nos jornais e revistas” (COELHO, 2010) que circulavam nos principais centros urbanos.

Foi neste período que despontaram autores como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu e outros. Machado de Assis, o primeiro grande contista brasileiro, eternizado por seus contos e romances, surgiu somente no final do século XX, durante o Realismo. Com o início do Modernismo, o conto brasileiro adquiriu um estilo tipicamente nacional, perdeu as características formais e ganhou as cores locais. Segundo Coelho (2010), neste período, porém, o conto, no Brasil, tornou-se “mero registro circunstancial dos fatos do dia-a-dia”. Foi, a partir das décadas de 40/50, do século XX, com a produção de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e outros, que o conto brasileiro atingiu o mais alto nível literário. Adquiriu a capacidade “de sintetizar a complexidade da vida, agora, já em linguagem e espírito tipicamente brasileiros” (COELHO, 2010).

Entre as décadas de 60 e 90, a produção dos chamados contos contemporâneos, no Brasil, foi bastante expressiva. Além da qualidade literária, os autores passaram a apresentar maior diversidade de temas, estilos e problemática. Foi neste contexto de contemporaneidade que surgiram, entre outros grandes nomes, o autor José J. Veiga.

## **Realismo Fantástico de José J. Veiga**



Nas experiências vividas no interior de Goiás, mais precisamente entre os pequenos municípios de Pirenópolis e Corumbá, região onde nasceu (1915) e passou a infância, José J. Veiga encontrou inspiração para produzir importante parte de seus escritos. Na opinião de M. Silverman, o fato de o autor ter iniciado relativamente tarde sua produção literária não impediu que sua obra ficcional, composta de contos, novelas e romances, logo lhe rendesse honrarias, popularidade e destaque no cenário da literatura brasileira contemporânea (TURCHI, 2010).

Desde a publicação do seu primeiro livro “Os Cavalinhos de Platiplanto” (1959), o nome de José J. Veiga esteve relacionado à “literatura fantástica ou ao chamado realismo maravilhoso latino americano do século XX”, algumas vezes na linha do absurdo e do alegórico, outras na linha do realismo maravilhoso (DANTAS, 2002, p. 122). Em razão da presença desses elementos fantásticos em suas narrativas, o autor foi reconhecido por muitos críticos como um “escritor fantástico”, ao lado de Murilo Rubião e muitos outros grandes autores. Na visão de Souza, estes elementos fantásticos nos textos veigueanos,

são fornecidos pelo real, pelo folclore nacional, pelas crenças populares, já que seus personagens são constituídos de gente simples e humildes [...] O fantástico (de J.J. Veiga) flui mais das coisas, da natureza, dos acontecimentos, entrando em comunicação com o mundo visível [...] (SOUZA, 1987, p. 18).

Souza (1987) assinala, também, que “o cerne do fantástico em J. J. Veiga [...] está no fato de que a norma, ou seja, a ordem natural é sempre problemática” (p. 32) e que sua ficção parte do corriqueiro, do contexto familiar, para chegar ao campo do insólito, das situações de estranheza.

Esta mesma linha de pensamento é compartilhada por Dantas (2002), quando diz que o fantástico na narrativa veigueana ocorre no confronto

entre dois universos, o cotidiano e o insólito, opostos entre si, entre os quais suas personagens podem ou não circular, que podem ou não se manifestar no tempo narrativo, mas cuja existência e questionamento são a base do conflito narrativo (DANTAS, 2002, p. 128).

A preferência pelo termo “fantástico” em detrimento do termo

“maravilhoso”, com relação aos contos veigueanos, está relacionada à ideia de que estes dois termos não são por muitos tidos como sinônimos. Na visão de Coelho (*apud* REZENDE, 2008), pertencem ao gênero maravilhoso as narrativas

em que o sobrenatural se apresenta como essencial para que ele possa existir, uma vez que o universo onde as narrativas maravilhosas ocorrem, é organizado por ele. Ou seja, o mundo maravilhoso é um ‘universo a parte’, está ‘fora do universo realista’. E as leis que estruturam esse espaço, são diferentes das do nosso mundo, porque na narrativa maravilhosa não há o estranhamento e nem há a angústia da qual falaram Sartre e Camus (COELHO *apud* REZENDE, 2008, p. 41).

Rezende (2008) entende que a falta de questionamento, a aceitação passiva do improvável e do inacreditável, a criação de mundos imaginários, a busca da fuga da realidade cotidiana presentes na narrativa maravilhosa não estão presentes na narrativa fantástica. Para a autora, no plano do fantástico,

a realidade é desarrumada com a intenção de apresentar uma dimensão misteriosa e desconhecida das coisas, no mundo conhecido e regido pelas leis da lógica (REZENDE, 2008, p. 41-42).

O mundo real regido pelas leis da natureza, além de regido por uma ciência que procura explicá-lo, é abalado quando algumas dessas leis são modificadas. Não tem aqui um ‘novo mundo’, sendo construído num espaço à parte, como acontece no gênero maravilhoso (REZENDE, 2008, p. 42).

Não se constitui ‘outro espaço’, nem ‘outro mundo’ – o que acontece é uma mudança no que estabeleceu como normal e constituído. Nesse gênero há um abalo de alguma certeza natural, com o intuito de fazer parecer como são tênues as linhas que dividem os dois mundos (se é que são separados): o real e o irreal (REZENDE, 2008, p. 42).

Além da presença do elemento fantástico na obra do autor, aspectos como a linguagem e os eixos temáticos, normalmente recorrentes, chamam a atenção do leitor pela sua contemporaneidade.

A escolha lexical e sintática de José J. Veiga se pauta pela língua comum atual do Brasil. Suas normas de escrita não se distanciam do

nível coloquial urbano em uso no país. Suas histórias são tecidas numa língua muito próxima da fala – algo direcionado na proposta modernista do linguajar popular brasileiro – o que torna sua obra muito simples e comunicativa, nesse aspecto (SOUZA, 1987, p. 125).

Sem os apelos de palavras de livro de escritor importante, J. Veiga não descuida de construções leves, metódicas, com frequentes paralelismo [...]. Prefere o período curto, evita as construções enclíticas e desconhece a mesóclise. Apurada na simplicidade, a fala Veigueana é resultado da elaboração cuidadosa no evitar o erudito afetado e livresco, é “bonita” sem ser “refinada” (SOUZA, 1987, p.125).

Quanto aos eixos temáticos presentes nos contos de José J. Veiga, quatro deles são identificados por Prado: “a divisão entre a aceitação da norma e sua refutação”, a “relação entre morte e amadurecimento”, a “opressão do homem pelo progresso” e a “Confrontação entre a idade adulta e a infantil” (PRADO, 2009, p. 5). Na opinião de Souza, a obra de Veiga está marcada pela busca dos personagens na compreensão da vida. Alguns contos como “Os Cavalinhos de Platiplanto”, “Invernada do Sossego” e “Na Estrada do Amanhece”, trazem um “misto de deslumbramento e catástrofe” enquanto “Tarde de Sábado, Manhã de Domingo”, “Roupa no Coradouro”, “Viagem de Dez Léguas”, “Fronteira”, “Entre Irmãos”, além de outros, revelam-se “ricos em uma sensibilidade infantil aberta às coisas que a vida vem trazendo, seja em forma de dor, seja em forma de fantasias e sonhos arrebatadores, mas perigosos” (SOUZA, 1987, p. 68-69).

A predominância do espaço rural é uma marca dos contos veigueanos. Pequenas propriedades e pequenos vilarejos, reais ou imaginários, estão todos impregnados do universo sertanejo, das marcas interioranas, dos valores e da rotina da vida, típicos dessa realidade (VEIGA, 1994). Para Souza, José J. Veiga deixa claro que a preferência por essa realidade dá-se “porque ele amansa melhor os lugares pequenos” (SOUZA, 1987, p. 65). Isso justifica porque o autor é, por muitos críticos, classificado como regionalista, chegando alguns tendenciosos conterrâneos a identificá-lo com o regionalismo goiano. Na opinião de Souza (1987), mesmo tendo buscado, na sua realidade imediata, o material para sua produção literária, a arte do escritor ultrapassa, vai além do interior goiano.

Dois outros importantes aspectos a serem destacados nos dois

livros de contos veigueanos, “Cavalinho de Platiplanto” (1959) e “A Máquina Extraviada” (1970), dada a relevância que têm no contexto das narrativas do autor, merecem ser mencionadas. Um desses aspectos refere-se ao período político e social em que foram publicados e o outro à predominância da perspectiva infantil nas narrativas (TURCHI, 2010).

No primeiro caso, referindo-se ao alto teor político refletido nos romances “Os pecados da Tribo” e “Aquele Mundo de Vasabarro”, Souza afirma que

A leitura de seus livros possibilita um envolvimento entre o individual e o coletivo, num processo de percepção dialética do poder sob o qual vivemos. Daí que sua obra é de alto teor político, uma vez que lança o homem na tomada de consciência da sua existência dependente de estruturas de poder opressivo (SOUZA, 1987, p. 83).

Prado (2009) acrescenta que o contexto de opressão, sugerido nas narrativas de J. J. Veiga, constitui um dos elementos insólitos que se contrapõe ao cotidiano, outro elemento indissociável e constitutivo da realidade narrativa veigueana.

O segundo aspecto refere-se à frequência com que J. J. Veiga privilegia a perspectiva infantil em suas narrativas, mesmo naquelas protagonizadas por adultos. O que chama a atenção nessas narrativas é o confronto permanente estabelecido entre o mundo infantil e a realidade exterior. Elas falam geralmente de uma infância não feliz, de meninos sérios, tristes ou perplexos, de crianças que não têm voz, preparadas mais para o luto que para o amor, em um mundo em que o elemento insólito é a morte (Turchi, 2010)

### **Contexto de produção do conto**

O gênero conto é normalmente veiculado em livros, materiais didáticos, jornais, doravante, internet, e outros. Seu destinatário é diversificado e, em geral, é constituído de leitores de todas as classes sociais, sobretudo aqueles vinculados ao contexto escolar.

Os contos, de José J. Veiga, reportam a um contexto em que o

fantástico emerge de experiências corriqueiras. O autor agrega, ao contexto familiar, situações de estranhezas, encontra na realidade interiorana dos pequenos vilarejos o material linguístico necessário para compor o cenário de suas histórias. Seus contos estão marcados por uma linguagem próxima do coloquial, da fala popular brasileira, típica da realidade rural, característica que faz com que suas narrativas pareçam simples e comunicativas. É comum observar nos contos veigueanos a não identificação da época em que os fatos acontecem, talvez sugerindo a clara intenção do autor em buscar um entendimento da vida humana a partir das situações insólitas e extraordinárias. Por um processo dialógico, o leitor transita entre o que é real e o que fantasia, estabelece, com os personagens, uma relação de proximidade e troca de experiências para fazer uma leitura do mundo, tendo como referência um lugar social claramente definido.

Em “Fronteira”, publicado em 1959, no livro “Os Cavalinhos de Platiplanto”, primeiro livro do autor, o protagonista recorda uma difícil etapa de sua infância, quando mergulhado no complicado universo dos adultos, via-se envolvido também com seus problemas. A tônica deste conto reside no modo como o narrador percebe a realidade. Seu conhecimento de mundo é mágico, intuitivo, enquanto que o dos adultos é racional, permeado por medos e atitudes infantilizadas.

“O Cachorro Canibal”, no entanto, foi publicado em 1967, no livro “A Estranha Máquina Extraviada”, no auge da ditadura militar no Brasil. O conto narra, de forma metafórica, em terceira pessoa, a história de um cão que, depois de muitas andanças e penúrias, abriga-se à sombra de um jasmineiro em busca de um pouco de alívio. Uma criança que o vê naquela situação acolhe-o em sua casa, onde é bem tratado. Durante a fase de adaptação, revela-se manipulador, mas é aceito pela família que em determinado momento arruma-lhe um cão menor para fazer-lhe companhia. A convivência entre eles, que inicialmente fora feliz, é interrompida quando o cão maior, com um gesto canibal decide matar e comer o cãozinho menor por não suportar a sua “humildade na aceitação de censuras e castigos” diante das pessoas da casa.

## **A Estrutura Composicional do Conto**

Escrevendo acerca dos gêneros discursivos, Fiorin (2008) lembra

que Bakhtin, em sua teoria, chama a atenção para a infinita variedade dos gêneros, E, embora eles se manifestem sempre “vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades” (FIORIN, 2006, p. 61), para o autor, “o que importa verdadeiramente é a compreensão do processo de emergência e de estabilização dos gêneros, ou seja, a íntima vinculação do gênero com uma esfera de atividade” (p. 63).

Em suas narrativas, José J. Veiga leva o leitor a questionar o sentido da realidade por meio de uma linguagem simples, coloquial, típica do interior, sem qualquer sofisticação. Suas tramas envolventes trazem um desfecho quase sempre espantoso. Os ambientes do meio rural e das pequenas cidades compõem cenário. É ali onde as experiências incomuns e absurdas acontecem, gerando um clima de desconforto e de opressão, que rompe com monotonia do dia a dia.

### Encaminhamento Metodológico

Constitui o *corpus*, deste trabalho, as atividades aplicadas, aos 37 alunos da 1ª série MA, do Ensino Médio, do Colégio Estadual Professora Maria Cintra de Tamarana, pela professora Maria de Lourdes Alves, durante o processo de implementação da proposta pedagógica, requerida pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), do Paraná. E por meio da realização de tais atividades, propomos um estudo do gênero conto, a partir do recorte dos contos “O Cachorro Canibal” e “Fronteira”, do realismo fantástico de José J. Veiga, sob a ótica bakhtiniana e levado a termo via Plano de Trabalho Docente, delineado por Gasparin (2002), cujos passos, sintetizados no quadro abaixo, constituem um todo indissociável.

PRÁTICA (zona de desenvolvimento real)	TEORIA (zona de desenvolvimento proximal)			PRÁTICA (zona de desenvolvimento potencial)
Prática social inicial do	Problematização	Instrumentalização	Catarse	Prática social Final do conteúdo

conteúdo				
1) Apresentação do conteúdo; 2) Vivência cotidiana do conteúdo: a) O que o aluno já sabe: visão da totalidade empírica. Mobilização. b) Desafio: o que gostaria de saber a mais?	1) Identificação e discussão sobre os principais problemas postos pela prática social e pelo conteúdo. 2) Dimensões do conteúdo a serem trabalhadas.	1) Ações docentes e discentes para construção do conhecimento. Relação aluno x objeto do conhecimento através da mediação docente. 2) Recursos humanos e materiais.	1) Elaboração teórica da síntese, da nova postura mental. Construção da nova totalidade concreta. 2) Expressão da síntese. Avaliação: deve atender às dimensões trabalhadas e aos objetivos.	1) Intenções do aluno. Manifestação da nova postura prática, da nova atitude sobre o conteúdo e da nova forma de agir. 2) Ações do aluno. Nova prática social do conteúdo

A prática social inicial é definida como o primeiro passo do fazer docente na sala de aula. É o momento em que “o aluno deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado; deve perceber alguma relação entre o conteúdo e sua vida, suas necessidades, problemas e interesses” (p. 15). Neste momento, o professor se interessa pelo conhecimento do aluno para, a partir daí, “desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado” (p.16). O segundo passo é o da Problematização. Ocorre, nesta fase, a criação de uma necessidade, o questionamento das práticas sociais e dos conteúdos escolares e a definição das dimensões do conteúdo a serem trabalhadas (GASPARIN, 2002).

A Instrumentalização é o terceiro passo do plano docente, corresponde, segundo Gasparin (2002), ao momento em que o aluno é colocado em confronto com o conteúdo. É quando se realiza, por meio dos atos docentes e discentes, “a construção do conhecimento científico” (GASPARIN, 2002, p. 53). É pela Instrumentalização que “o conteúdo sistematizado é posto à disposição do aluno” (GASPARIN, 2002, p. 53). O 4º passo denominado “Catarse” é a fase em que ocorre “a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção e sua reconstrução na escola” (GASPARIN, 2002, p. 128).

O último passo é a “Prática Social Final do Conteúdo”, é “o ponto de chegada do processo pedagógico na perspectiva histórico-crítica”, “é o retorno à Prática Social” (GASPARIN, 2002, p. 143). É neste momento que o aluno demonstra

a capacidade para “agir de forma autônoma” (GASPARIN, 2002, p. 146).

## **TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA**

Durante a prática social inicial, a professora introduziu, por meio de uma conversa informal, os conceitos de gêneros discursivos, esferas sociais e enunciado. Chamou a atenção, dos alunos para o caráter dialógico da linguagem, para a importância do ato de ler, para a função social os gêneros da esfera literária, situou o conto do realismo fantástico dentro desta esfera e destacou a importância dos aspectos que constituem este gênero no processo de construção de efeito de sentido, a saber: estrutura composicional, conteúdo temático e marcas lingüístico-enunciativas, associados às condições de produção.

O trabalho com a vivência dos conteúdos iniciou com a organização dos alunos em grupos de quatro ou cinco. E a cada grupo foram disponibilizadas, aleatoriamente, três narrativas curtas, em material impresso, de diferentes gêneros da esfera literária, para serem lidas (conto, fábula, lenda, mito, crônica e história em quadrinhos). Após a leitura, com o objetivo de resgatar o conhecimento já internalizado, os alunos responderam questões relacionadas à identificação de alguns aspectos semelhantes e distintivos existentes entre as narrativas lidas. Na sequência, cada grupo apresentou suas conclusões ao restante da sala. Durante as apresentações, via mediação docente, concluíram que todos os textos poderiam ser caracterizados como narrativas, embora fosse possível constatar características que os diferenciavam entre si.

Na etapa da problematização, a professora passou a direcionar suas ações especificamente para o estudo do gênero conto, propondo aos alunos questões orais como: O que é um conto para você? Lembra-se de já ter lido algum? Você conhece algum autor de contos da nossa literatura ou da literatura universal? Qual? De que autor? Falava sobre o quê? Também foram abordadas questões de ordem conceituais, históricas, e culturais relativas ao conto. A professora solicitou aos alunos que, a partir da leitura do material impresso, a eles disponibilizado, sobre o conceito e a história do conto (segundo Gotlib, 1985; COELHO, 2010 e outros), por sua mediação e em grupo, construíssem um conceito e um breve histórico deste gênero literário, apontassem a forma como ele se manifestou inicialmente e como se



manifesta hoje, qual sua função social, sobre o que falam e em que meio social está presente, em que suporte é veiculado, quem são seus leitores. Propôs também questões referentes às características do conto do realismo fantástico, fez referências aos principais autores desta categoria de contos e proporcionou aos alunos acesso a textos com informações sobre o autor José J. Veiga, sobre sua obra, suas temáticas, o período de produção e sua relação com o realismo fantástico. E para concluir a atividade, a professora instigou os alunos a se interessarem pela leitura de contos de autores como Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan, Murilo Rubião, Edgar Allan Poe e outros julgados pertinentes.

O momento da instrumentalização foi iniciado com a proposição de questões voltadas a atividade de leitura. A professora retomou alguns aspectos do realismo fantástico. Sugeriu aos alunos uma pesquisa na internet (Youtube), individual ou em grupo, sobre os autores anteriormente já citados e sua obra, sobretudo José J. Veiga, com o objetivo de levá-los a um primeiro contato com a literatura fantástica.

Embora a pesquisa não tenha sido realizada por todos os alunos, por falta de acesso a internet, aqueles que a realizaram puderam expor aos colegas os resultados obtidos. Nos diversos comentários, foi possível constatar que, por tratar dos fatos insólitos da vida, este tipo de narrativa desperta a curiosidade do aluno, estimula-o à prática da leitura e o leva a tomar uma posição crítica perante sua própria realidade. A professora deu continuidade aos trabalhos propondo a leitura dos contos “Fronteira” e “O Cachorro Canibal”, de José J. Veiga, disponibilizados a cada aluno em material impresso. Após esta atividade de leitura, estabeleceu um diálogo com os alunos em torno de questões referentes ao enredo, aos elementos insólitos presentes, à forma como estes elementos foram abordados pelo autor e ao vocabulário desconhecido. Esta atividade colocou em evidência a dificuldade dos alunos para compreenderem a linguagem do texto literário.

- **Questões referentes ao contexto de produção dos contos “Cachorro Canibal” e “Fronteira”?**

Por se tratar de textos do mesmo autor, a professora sugeriu aos alunos atividade abrangendo, ao mesmo tempo, os dois contos. Propôs que os alunos, em grupos e com a mediação docente, discutissem e respondessem por

escrito questões referentes ao suporte de veiculação do conto, aos leitores dessa categoria de textos; ao autor dos contos "Fronteira" e "Cachorro Canibal", à importância deste autor no cenário da literatura brasileira, ao período de produção dos contos em foco e à relação das narrativas com período em que foram produzidas. Para realizar esta atividade, os alunos tiveram acesso também a textos com informações sobre o autor José J. Veiga, sobre sua obra, suas temáticas, o período de sua produção e sua relação com o realismo fantástico.

- **Questões referentes ao conteúdo temático, construção composicional e marcas linguístico-enunciativas**

Por uma questão didática e para maior aproveitamento dos alunos, as atividades referentes ao conteúdo temático, à construção composicional e às marcas linguístico-enunciativas, referentes aos dois contos, foram elaboradas e desenvolvidas separadamente. Durante esta fase, a intermediação docente foi determinante em vista das dificuldades dos alunos para realizar estas atividades.

Quanto ao conteúdo temático, foram abordadas questões acerca do título das narrativas e sua relação com a história narrada; da temática veiculada, da caracterização do narrador, das personagens, do tempo e do espaço em que a história se passa e qual a importância destes elementos para o desenrolar dos fatos, da identificação dos elementos fantásticos, da forma como eles foram abordados pelo autor e da relação destes elementos com a vida real. Nesse momento, os alunos foram instigados a identificar situações por eles vivenciadas e consideradas insólitas.

Por meio de questões voltadas à construção composicional das narrativas, abordou-se o tipo de narrador que conta a história, o conflito desencadeado, o fato que o desencadeou e como esse conflito foi solucionado, o tipo de discurso predominante em cada narrativa, as formas como a fala das personagens se manifesta, os recursos linguísticos empregados pelo autor para indicá-la, a possível motivação pela qual o nome das personagens não é mencionado e a forma como elas são caracterizadas.

Durante o estudo das marcas linguísticas e enunciativas, em "Fronteira", foram abordadas as questões referentes aos diversos discursos que permeiam a narrativa e qual o efeito de sentido destes discursos; ao papel social do pai em relação ao da

mãe sugerido na narrativa, aos procedimentos mobilizados pelo produtor para demarcar as diversas “vozes” no interior do discurso; ao efeito de sentido dos advérbios “ainda” e “muito” em “Eu era ainda muito criança” (§ 1); ao sentido sugerido pelos verbos empregados no pretérito imperfeito; ao uso da ironia; à ocorrência da interrogação, empregada diversas vezes pelo autor; à forma como o fantástico se manifesta; ao emprego das aspas em “sangrasses” (§ 5); ao título do conto, levando em consideração a natureza dialógica da linguagem; à conotação sugerida pelos termos “viagem” e “montanha”.

Em “O Cachorro Canibal”, a professora chamou a atenção para a forma como os fatos narrados foram organizados seguindo uma ordem cronológica. Em seguida pediu aos alunos para observarem que a narrativa poderia ser dividida em quatro diferentes fases, solicitou-lhes para, em grupo e por escrito, delimitar e caracterizar cada uma destas fases, determinar o tempo e o espaço da narrativa, apontar os recursos demarcadores das “vozes” no texto, identificar o tipo de discurso nele predominante, a temática tratada, a forma como o fantástico se manifesta, a função das aspas (§§ 6 e 7) e dos dois pontos (§ 9); o uso das reticências no final do § 9; o sentido da frase “A ideia veio de repente” e do indicador modal “pode” em “Mas pode um cão contentar-se com a simples tolerância” (§ 6), a conotação do termo “ladraozinho” (§ 9), e ainda, a forma como o discurso do cão maior tende a desqualificar o discurso da ética.

#### **IV- CATARSE**

Para verificar a aprendizagem dos alunos, a professora propôs um levantamento dos elementos recorrentes nos contos em foco. Por sua intermediação, os alunos constataram que o tema da viagem, o predomínio do discurso indireto, o emprego reiterado da interrogação estão presentes nas duas narrativas, que nas duas narrativas, os fatos se passam em um pequeno vilarejo e que a expressão “de repente” poderia ser um indicativo da intensificação do conflito. Os alunos observaram que os recursos lingüísticos utilizados pelo autor para mostrar as diferentes vozes no interior das narrativas são os mesmos, entre eles, o discurso direto e indireto e as aspas. Chegaram à conclusão que o insólito em “Fronteira” manifesta-se no estranhamento que o mundo dos adultos impõe ao

protagonista. Em “O Cachorro Canibal”, esse elemento se manifesta por meio das estratégias usadas pelo cão para conquistar seu prestígio, sobretudo no episódio em que o cão maior mata e come o cão menor. Os alunos foram ainda orientados a observarem que as freqüentes interpelações, também encontradas nas duas narrativas, constituem uma estratégia do enunciador para promover a adesão do leitor ao seu discurso.

## **V- PRÁTICA SOCIAL FINAL**

Foi solicitado aos alunos que, a partir da leitura do conto “Entre Irmãos” (2004) do mesmo autor, apresentassem oralmente, uma breve síntese dos principais aspectos do gênero estudado durante a implementação do projeto. Nesta atividade, ficou constatado que, apesar das dificuldades iniciais para ler textos literários, os alunos demonstraram um desempenho satisfatório. Conseguiram, por meio da intervenção docente, apontar traços recorrentes como: o tipo de narrador, o tema da viagem, o predomínio do discurso indireto, a interpelação do narrador para promover a adesão do leitor, a alusão ao tema da morte, também presente em “O Cachorro Canibal”, os recursos demarcadores das vozes alheias mobilizados pelo autor, a não indicação de tempo, de espaço e do nome das personagens, à identificação do elemento fantástico, a conotação da expressão “de repente”

## **CONCLUSÃO**

Durante o processo de implementação da presente proposta, pôde-se constatar, inicialmente, uma certa indisposição dos alunos para a leitura. Contudo, com a realização das atividades que lhes foram propostas, foi possível perceber um progressivo envolvimento, da maioria deles, com os textos que leram. Por meio da realização das atividades, foi possível verificar que, em geral, suas dificuldades estavam relacionadas à pouca familiaridade com a linguagem dos textos literários e com a prática de metodologias que leva a entender a leitura apenas como atividade escolar. Ainda assim, ao serem motivados e orientados, os mesmos alunos, com

exceção de um ou outro, realizaram todas estas atividades com relativa tranquilidade.

Tais constatações, porém, não nos impedem de reconhecer que a quantidade de atividades propostas aos alunos em relação ao tempo disponível para aplicação tenha sido excessiva, sendo necessário repensá-las em uma posterior oportunidade. Além disso, em vista da dificuldade dos alunos para realizar um estudo da língua na perspectiva dos gêneros discursivos - para eles, uma abordagem totalmente nova - foram necessárias adaptações. As maiores dificuldades encontradas estavam relacionadas ao estudo das vozes que permeiam o texto. Mas, nem por isso, o trabalho deixou de ser gratificante, pois, proporcionou, aos alunos e à docente, a oportunidade de, juntos vivenciar uma efetiva experiência de construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à editora francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na ciência da linguagem**. Prefácio de Roman Jakobson. Apresentação de Marina Yaguello. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Conto**. Disponível em: <<http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/c/conto.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2010.

DANTAS, Gregório Foganholi. **O Insólito na Ficção de José J. Veiga**. 2002. Disponível em: <<http://libdig.unicamp.br/document>>. Acesso em: 08 abr. 2010.

DUCLÓS, Miguel. **O Conto: dificuldade de definição do gênero e abordagem de alguns teóricos**. Disponível em: <[http://www.consciencia.org/sobre\\_conto.shtml](http://www.consciencia.org/sobre_conto.shtml)>. Acesso em: 29 mar. 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002 (Coleção Educação Contemporânea).

- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- REIS, Luzia de Maria. **O que é Conto**. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção Primeiros Passos 135).
- PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação (SEED). **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica e Ensino Médio**. Curitiba, 2008.
- PERFEITO, A. M.; PORTO, I. N. **Narrativa com o mito Saci Pererê**: dos aspectos teóricos à proposta de transposição didática. IN: **Signum**: estudos da linguagem. N. 10/2. Londrina: Ed. UEL. Dez. 2007.
- PRADO, Priscila Finger do. O absurdo no limiar do cotidiano: Melhores contos de J. J. Veiga. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, jan/jun 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/nauliteraria>>. Acesso em: 14 abr. 2010.
- REZENDE, Irene Severina. **O Fantástico no Contexto Sócio-Cultural do Século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis>>. Acesso em: 08 abr. 2010.
- SOUZA, Agostinho Potenciano. **Um Olhar Crítico sobre o nosso Tempo**: Uma Leitura da Obra de José J. Veiga. 1987. Disponível em <<http://libdig.unicamp.br/document>>. Acesso em: 08 abr. 2010.
- VEIGA, José J. **Os Melhores Contos de J. J. Veiga**. Seleção de J. Aderaldo Castello. 2. ed. São Paulo: Global, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A Estranha Máquina Extraviada**: contos. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os Cavalinhos de Platiplanto**: contos. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- TURCHI, Maria Zaira. **As fronteiras do conto de José J. Veiga**. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art08.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2010.